



The Theater of Disappearance, 2017
NEON Foundation at Athens National Observatory
(NOA), Athens
Cortesia do artista, Marian Goodman Gallery, New York /
Paris / London e Kurimanzutto, Ciudad de México
Fotografia: Jörg Baumann

Luis J. Martín Cabré*

A engrenagem trauma-perversão no *impasse* de determinados tratamentos

O material clínico de numerosos pacientes atuais, em cujos tratamentos ocorrem fracassos terapêuticos, interrupções, ações muito graves e uma administração difícil da dinâmica transfero-contrtransferencial, mostra-nos como age e que efeitos determina, em algumas ocasiões, a engrenagem trauma-perversão quando se instala no trabalho analítico. Essa hipótese exige que nos situemos frente a uma linha muito sutil que relaciona dois conceitos psicanalíticos, por muito tempo considerados entidades justapostas.

Não é comum abordar a conexão entre o trauma e a perversão porque pareceriam, de fato, pertencer a universos diferentes. O mundo da perversão se referiria, ou a uma estrutura psíquica organizada baseada no conceito de fixação, se a entendemos como

* Asociación Psicoanalítica de Madrid.

uma modalidade psicopatológica muito delimitada, ou —se preferimos abordar o campo das modalidades perversas de funcionamento psíquico— a um mecanismo de defesa complementar dentro de uma estrutura neurótica. Em qualquer caso, nos encontraríamos frente a um espaço essencialmente intrapsíquico, definido pulsionalmente, dotado de um componente narcisista irrefreável, gerador de um tipo de fantasia em que o objeto perde a dignidade mais elementar.

O trauma, pelo contrário, a partir especialmente da contribuição de Ferenczi (1932/1984), aparece como uma invasão do eu do objeto da paixão -ou da loucura do amor ou do ódio- de outro. É o campo do interp-síquico, do intercâmbio entre o inconsciente da vítima e do agressor.

E, no entanto, parece que, em alguma coisa, os dois cenários têm a ver. Se percorrermos as peripécias da fantasia masoquista de “Pegan a un niño” (“Uma criança é espancada”) de Freud (1919/1976), não sentimos a tentação de incluir, junto ao desejo amoroso da criança, que se esconde atrás da excitação gerada pela fantasia do castigo, a repetição de uma experiência traumática comprometida e misturada com todo o componente pulsional e erotizado? Até que ponto a repetição não se configura como um conceito chave para vincular algumas das características essenciais do funcionamento perverso com a dinâmica do trauma?

Meu ponto de vista é que todas e cada uma das modalidades perversas, compreendidas como um desafio ético da vida sexual, indicam uma relação falha com o outro enquanto sujeito de desejo e de prazer e, a partir dessa perspectiva, os atos perversos não seriam outra coisa que uma reedição metafórica de uma experiência traumática não representável, armazenada na memória implícita e, portanto, não recuperável através da recordação e do levantamento da repressão.

Entendo que, se considerarmos os aspectos defensivos da perversão, inclusive em suas modalidades mais aparentemente não objetáveis ou intrapsíquicas, podemos nos aprofundar nas raízes traumáticas que dão vida à personalidade perversa, tais como a acumulação de microtraumas repetitivos, comunicações familiares patogênicas, separações prematuras

ou abandonos, e, conseqüentemente, nos afastarmos de hipóteses inatistas que favorecem desenvolvimentos literários ou filosóficos, mas raramente terapêuticos.

De volta à questão sobre a relação entre a perversão e o trauma, gostaria de defender a hipótese de que as relações de objeto perversas seriam manobras defensivas frente a ansiedades catastróficas e intoleráveis. A relação sadomasoquista, por exemplo, seria uma forma de perversão dominada por um mundo em que o eu do sujeito estaria fundido com o objeto idealizado, e as leis do espaço, do tempo e da lógica estariam detidas: a separação, a morte e o luto não existiriam. O núcleo da perversão residiria, portanto, na defesa extrema ante a angústia de separação, a dor pela perda e a recusa a resolver os conflitos inconscientes relacionados. A maior parte dos autores contemporâneos considera a perversão, tanto nos homens como nas mulheres, como a expressão de processos de identificação defeituosos ou inclusive inexistentes, consequência de uma difícil, perturbada ou até impossível desidentificação de uma imagem materna pré-edípica, perigosamente nociva e onipotente, que adquiriu sua virulência ante uma série de experiências de caráter traumático.

A partir das contribuições de Ferenczi e dos desenvolvimentos posteriores de Balint (1968/1993) e Winnicott (1953/2006), Stoller (1975), por exemplo, descreve numerosas observações sobre crianças prematuras que tiveram que padecer operações cirúrgicas traumáticas, e sobre famílias que haviam praticado claramente abusos sexuais com as crianças. Grossmann (1991), por outro lado, aborda também tratamentos de crianças que haviam sido objeto de violências sexuais, em que se desenvolvia uma capacidade extraordinária de reagir ao trauma com um comportamento hétero e autodestrutivo.

No entanto, a hipótese que pretendo defender não é uma equação linear entre trauma sexual e origem da perversão. Com certeza, a infância de muitos perversos não foi marcada por experiências de abuso sexual. O traumático não pode se identificar com uma ação lesiva violenta, senão com uma pressão psicológica, sedutora e autoritária do adulto sobre a criança que desmente sua percepção de in-

dependência e de autonomia, e seu senso de identidade pessoal e sexual.

Se os traumas de natureza sexual, ao impedir o desenvolvimento da capacidade de gozar, abrem caminho às inibições sexuais, à frigidez e, sobretudo, às fantasias e ao prazer sadomasoquista, os traumas de natureza não sexual destroem o sentimento de confiança no mundo e o espaço transicional que permite sentir-se em harmonia com os demais, ser portador de desejos e projetar-se na vida através de um mundo interno denso de pensamentos e emoções. Quando uma criança se sente sistematicamente desmentida e negada em seus pensamentos e qualidades, seu mundo emocional e afetivo se ressent de forma total. Tem que conciliar seu desejo expectante de pais suficientemente bons com a desmentida realidade de não haver encontrado reconhecimento ao seu amor. Ao redor de uma criança ferida e privada de um mundo emocional compartilhado pode se estruturar um adolescente aparentemente normal, mas atrás do qual se esconde uma pessoa que não dispõe de um campo emocional livre e seguro, e em quem a experiência traumática não elaborada destrói a possibilidade de que se perceba como uma pessoa íntegra. E eis aqui o início de uma possível estrutura ou dinâmica perversa.

Estamos muito longe ainda de ter chegado a unificar e integrar todos os parâmetros que se abrem na teoria psicanalítica a partir do desafio que supõe a experiência clínica com pacientes traumatizados que desenvolvem atitudes, mecanismos e uma organização das emoções e dos sentimentos de tipo perverso. No entanto, a escuta de pacientes que praticam relações sadomasoquistas, determinadas situações compulsivas de autolesão física, o problema da anorexia e da bulimia, a questão inexplorada do incesto (praticado tanto por pais como por mães), o problema do maltrato físico e da humilhação a crianças e mulheres, a crueldade gratuita praticada contra pessoas em situação de vulnerabilidade ou submissão, a tortura em todas as suas formas aberrantes de aplicação, o racismo e a xenofobia, a guerra, o ódio e, talvez, definitivamente, a constatação de estar frente a um mundo cultural que não está disposto a renunciar a uma só pulsão, nos obrigam a que nos interroguemos como

psicanalistas sobre que experiências dilacerantes estão acumuladas no inconsciente, tanto reprimido como não reprimido, para gerar tanta violência e destruição.

Talvez a escuta e a reflexão sobre a relação entre o trauma e a perversão possam nos permitir pensar que a psicanálise continuará a ter sempre a oportunidade de existir porque muitos pacientes não vêm às nossas consultas em busca de um valor intelectual ou do deciframento de uma verdade; vêm, pelo contrário, buscar a ajuda de uma experiência humana que seja capaz de compreender sua dor e, sobretudo, que seja capaz de permitir-lhes encontrar um sentido à sua existência.

Referências

- Balint, M. (1993). *La falta básica. Aspectos terapéuticos de la regresión*. Barcelona: Paidós. (Trabalho original publicado em 1968)
- Ferenczi, S. (1984). Confusión de lengua entre los adultos y el niño. El lenguaje de la ternura y de la pasión. In S. Ferenczi, *Psicoanálisis: obras completas* (Vol. 4). Madri: Espasa-Calpe. (Trabalho original publicado em 1932)
- Freud, S. (1976). Pegan a un niño. In S. Freud, *Obras completas* (Vol. 17). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1919)
- Grossmann, W. J. (1991). Pain, aggression, fantasy and concept of sadomasochism. *Psychoanalytic Quarterly*, 40(19).
- Stoller, R. J. (1975). *Perversion. The erotic form of hatred*. Nova York: Pantheon.
- Winnicott, D. W. (2006). Las psicosis y el cuidado de niños. In D. W. Winnicott, *Escritos de pediatría y psicoanálisis*. Barcelona: RBA. (Trabalho original publicado em 1953)